



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES
CURSO DE PEDAGOGIA**

DAYANE DA SILVA MOREIRA

**CAROLINEANDO EXISTÊNCIAS: ESCRIVÊNCIAS DE MULHERES
NEGRAS DO PROJETO DE EXTENSÃO LÉLIA GONZALEZ,
PRESENTE!, DA UNILAB-CE**

**REDENÇÃO - CE
2024**

DAYANE DA SILVA MOREIRA

**CAROLINEANDO EXISTÊNCIAS: ESCRIVÊNCIAS DE MULHERES
NEGRAS DO PROJETO DE EXTENSÃO LÉLIA GONZALEZ,
PRESENTE!, DA UNILAB-CE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de licenciatura plena em Pedagogia, da Universidade Internacional da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Jacqueline da Silva Costa.

**REDENÇÃO - CE
2024**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Moreira, Dayane da Silva.

M836c

Carolineando existências: escrevivências de mulheres negras do projeto de extensão Lélia Gonzalez, presente!, da Unilab-CE / Dayane da Silva Moreira. - Redenção, 2024.
63f: il.

Monografia - Curso de Pedagogia, Instituto de Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2024.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Jacqueline da Silva Costa.

1. Mulheres negras. 2. Feminismo. 3. Escrevivências. 4. Interseccionalidade. I. Título

CE/UF/BSP

CDD 305.42

DAYANE DA SILVA MOREIRA

**CAROLINEANDO EXISTÊNCIAS: ESCRIVÊNCIAS DE MULHERES
NEGRAS DO PROJETO DE EXTENSÃO LÉLIA GONZALEZ,
PRESENTE!, DA UNILAB-CE**

Trabalho de Conclusão de Curso, na modalidade Monografia, apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Internacional da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira, campus dos Palmares/CE, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

Data de aprovação: 28/11/2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Jacqueline da Silva Costa (Orientadora)

Universidade Internacional da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof^a. Dr^a. Rosangela Ribeiro da Silva

Universidade Internacional da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Profa. Me. Tamara Vieira da Silva

Universidade Internacional da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

DEDICATÓRIA

*Ao coletivo de mulheres negras Lélia Gonzalez, presente da UNILAB-CE,
À minha orientadora Profa. Dra. Jacqueline Costa,
À minha família, em especial minha companheira Milena Maria e minha enteada
Maria Clara.*

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Joaquim Quinquino Moreira e Antonia Valdeci, por me apoiarem em todos os momentos, pois são a minha fonte de força, meus incentivadores em todos os momentos da minha vida, desde os melhores aos mais difíceis.

Em particular à minha avó Rosinha e à minha mãe Antônia Valdeci, sou grata por cada oração, por entenderem as minhas ausências, e me apoiarem sempre! Por cada conselho, pelo incentivo, por serem simplesmente as mulheres que me ajudam a caminhar.

Obrigada aos meus irmãos, por acreditarem nessa minha trajetória, aos meus sobrinhos e ao meu afilhado Anthony Gabriel, que mesmo não dando conta ainda da dimensão do quanto me incentivam a seguir e a sonhar, eles são parte inseparável das minhas conquistas.

Agradeço em particular à minha companheira Milena Maria, aquela com quem divido a minha vida, por toda paciência, por ser uma parceira em todas as horas, por ser uma grande incentivadora de cada projeto em que sonhamos juntas. Nosso amor é revolução e tem sido incrível partilhar mais essa etapa da minha vida ao seu lado.

Agradeço à minha enteada Maria Clara, o seu apoio e de sua mãe em cada momento da minha vida são essenciais. Vocês fazem parte de forma direta da realização de mais um ciclo, pois estão sempre ao meu lado, testemunhando os desafios e “esperançando” comigo dias melhores para todas nós.

À minha orientadora, professora Doutora Jacqueline Costa, por ter me auxiliado na construção de mais este trabalho, uma intelectual negra a qual me inspira todos os dias, minha mentora e amiga, sou grata por todo esse tempo compartilhado, por cada palavra, cada orientação, gratidão e gratidão, nosso encontro é como uma abayomi, um encontro muito precioso.

“E quando as palavras das mulheres clamam por serem ouvidas, cada uma de nós deve reconhecer sua responsabilidade de tirar essas palavras para fora, lê-las, compartilhá-las e examiná-las em sua pertinência à vida”.

Audre Lorde.

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar o impacto do Projeto de Extensão Lélia Gonzalez, Presente! na vida de mulheres negras cursistas do projeto no ano de 2023. O projeto cumpre um cronograma de atividades previamente elaborado pela coletiva gestora composta pela coordenação e toda a equipe de formadoras, que tem como principal objetivo: promover empoderamento intelectual e político de mulheres negras da UNILAB-CE, de lideranças que atuam nas escolas da rede, de diversos coletivos, movimentos sociais e nos partidos políticos. Busca-se responder a seguinte questão: *Qual a importância dos espaços formativos voltado para o empoderamento feminino negro na vida das mulheres negras?* Trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa, cujo recurso metodológico utilizado foram perguntas semiestruturadas, para a coleta de relatos espontâneos, considerando os espaços e as experiências das mulheres negras entrevistadas. Tem como ferramenta analítica a “Escrevivência” de Conceição Evaristo e a Interseccionalidade, de Patrícia Hill Collins. Portanto, a criação da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira - UNILAB-CE, tem representado um marco na luta antirracista, feminista, afrocentrada, decolonial e pós-colonial para o Brasil e para os países que compõem a Comunidade de Língua Portuguesa ampliando possibilidades de trabalhos voltados para o ensino, a pesquisa e extensão, oferecendo novas possibilidades de agendas de pesquisa, ferramentas analíticas e o empoderamento de mulheres negras dentro e fora da universidade.

Palavras-chave: Unilab; Mulheres Negras; Feminismo Negro; Escrevivências; Interseccionalidade.

ABSTRACT

This project aims to analyze the impact of the Lélia Gonzalez, Presente! Extension Project on the lives of black women courses in the year 2023. The project follows a schedule of activities previously prepared by the management group, composed of the coordination and the entire team of trainers, whose main objective is to promote the intellectual and political empowerment of black women from UNILAB -Ce, of leaders who work in the network's schools, from various collectives, social movements and political parties. I seek to answer the following question: What is the importance of training spaces aimed at black female empowerment in the lives of black women? This is research with a Qualitative approach, whose methodological resource is semi-structured questions, for the collection of spontaneous reports, considering the spaces and experiences of the black women interviewed. Its analytical tools are "Writing" by Conceição Evaristo and Intersectionality, by Patrícia Hill Collins. Therefore, the creation of the University of International Integration of Afro-Brazilian Lusophony (Unilab), has represented a milestone in the anti-racist, feminist, Afro-centered, decolonial and post-colonial struggle for Brazil and for the countries that make up the Portuguese Language Community, expanding possibilities for work focused on teaching, research and extension, offering new possibilities for research agendas, analytical tools and the empowerment of black women inside and outside the university.

Keywords: Unilab; Black Women; Black Feminism; Escrivivência; Intersectionality.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. JUSTIFICATIVA PARA A ESCOLHA DO TEMA DA PESQUISA.....	14
2.1. CAROLINEANDO EXISTÊNCIAS: “ESCREVIVÊNCIAS” DE UMA MULHER NEGRA.....	14
2.2. ESCRIVIVÊNCIAS: MEU PERCURSO DE ESCOLARIZAÇÃO ATÉ A ENTRADA NA UNILAB-CE.....	18
2.3. “UBUNTU” EU SOU PORQUE NÓS SOMOS: MULHERES EM MOVIMENTO, CAMINHOS QUE SE CRUZAM.....	23
3. METODOLOGIA DA PESQUISA.....	38
4. O PROJETO DE EXTENSÃO LÉLIA GONZALEZ, PRESENTE!, DA UNILAB-CE... 39	
5. A IMPORTÂNCIA DE ESPAÇOS FORMATIVOS VOLTADOS PARA O EMPODERAMENTO FEMININO NEGRO.....	41
6. DE CAROLINA A CONCEIÇÃO A ESCRITA COMO FORMA DE FALAR DE SI..	51
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
8. ANEXOS.....	56
8.1. ANEXO A - ROTEIRO PARA REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS.....	56
8.2. ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO PARA COLETA DE DADOS.....	57
9. REFERÊNCIAS.....	61

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo objetiva fazer uma análise sobre os impactos do “Projeto de Extensão Lélia Gonzalez, Presente!” na vida de mulheres, participantes/cursistas do projeto de extensão iniciado no ano de 2022. Abordo, como as ações realizadas pelo projeto têm gerado impacto na vida dessas mulheres negras, bem como se dá o processo de empoderamento a partir de suas “escrevivências”.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que espelha sua metodologia nas “Escrevivências” de Conceição Evaristo, quando nos diz que “na essência do termo, não como grafia ou como som, mas, como sentido gerador, como uma cadeia de sentidos na qual o termo se fundamenta e inicia a sua dinâmica” (EVARISTO, 2020, p. 29). Com base nos relatos coletados ao longo deste estudo, pretende-se compreender as trajetórias das mulheres negras, por meio de suas escritas e suas vivências, tomando como referência Evaristo (2020, p. 30) quando apresenta que “nossa escrevivência traz a experiência, a vivência de nossa condição de pessoa brasileira de origem africana”.

A transformação social se dá por meio da educação, fato este foi algo que se tornou uma busca constante em minha vida, enquanto uma mulher negra da periferia do interior do Ceará, que só teve aproximação com os estudos que envolvem a temática das relações étnicoraciais e de gênero a partir do ingresso na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira - UNILAB, uma Universidade internacional e interiorizada, criada em 20 de julho de 2010, com base na Lei nº. 12.289/10, uma universidade pública federal brasileira, localizada em Redenção, no estado do Ceará. A partir desse espaço formativo, pude ter uma aproximação com a minha ancestralidade, o que possibilitou voltar meu olhar para minha própria trajetória enquanto mulher negra e para todas as questões que envolvem o racismo sistemático.

O contato mais próximo com a temática da ancestralidade e racialidade ocorreu por meio da disciplina Literatura Africana e Afro-brasileira, com o projeto de extensão universitária intitulado “Sobre o Corpo Feminino nas Literaturas Africanas e Afro-brasileiras”, coordenado pela professora Dra. Luana Antunes, lugar de formação, de reflexão, de encontro, de empoderamento e principalmente da aproximação com a escritora Carolina Maria de Jesus, o que deu início ao meu

processo de “tornar-se negra”, como nos indica Neusa Santos Souza (2021) em uma de suas obras .

Outro espaço formativo e de aproximação com a literatura negra aconteceu em uma disciplina, enquanto estudante do curso de Bacharelado em Humanidades (UNILAB), intitulada “Literatura e Feminismo Contra-hegemônicos, ministrada também pela profa. Dra. Luana Antunes, cito ainda a disciplina “Educação e Literatura Negra” ministrada pela profa. Dra. Jacqueline Costa, essas componentes curriculares possibilitaram os debates que me impulsionaram na busca constante pela intelectualidade negra de Brasil à África.

Gostaria de citar ainda a disciplina Educação, Gênero e Sexualidade ministrada pela profa. Dra. Jacqueline Costa a qual pude adentrar em muitos debates a partir da intelectualidade negra.

E é nessa trajetória, nessa busca, que também me aproximo do projeto de extensão “Lélia Gonzalez, Presente!”, projeto pensado por professoras negras da UNILAB e por pesquisadoras de outras instituições federais de ensino superior, que cumpre um cronograma de atividades previamente elaborado pela coletiva gestora do projeto e tem como principal objetivo promover o empoderamento intelectual e político de mulheres negras da UNILAB/CE e das lideranças que atuam nas escolas da rede de ensino, de diversos coletivos, de movimentos sociais e de partidos políticos.

Assim, por possuir relevância acadêmica e por se tratar de um processo contínuo de busca, de compreensão das trajetórias de mulheres negras que estão inseridas não só na Universidade, mas também na comunidade, de mulheres negras que precisam ser ouvidas e suas histórias registradas, buscou-se neste trabalho aprofundar a temática com o estudo em questão.

O presente trabalho é resultado da pesquisa realizada com quatro mulheres que ingressaram no Projeto no ano de 2022 como cursistas e permanecem no projeto como formadoras, abaixo apresentadas.

Eliane Helena Ferreira, 64 anos, mulher, mãe e negra, possui graduação em Enfermagem - UFF (2002), vice-presidente do Instituto de Benefícios e Assistência aos Servidores do Município de Cabo Frio (IBASCAF). Militante e membro do Movimento Cabofriense de Pesquisa das Culturas Negras e do Instituto de Pesquisa das Culturas Negras -IPCN - RJ, coordenadora do interior da Rede Nacional de Mulheres Negras no Combate à Violência e formadora no Ciclo de Formação Lélia

Gonzalez, Presente! - projeto de extensão da UNILAB-CE, cursando Especialização em Promoção da Saúde e Desenvolvimento Social na Fiocruz.¹

Joseli do Nascimento Cordeiro, possui Graduação em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UEVA), mestra em História social pela Universidade Federal do Ceará (UFC), pesquisadora, educadora, palestrante, membra do Grupo de pesquisa caldeirão Confluências anticoloniais (UFC) e do curso de Extensão Lélia Gonzalez, Presente, pesquisa e atua principalmente nas seguintes temáticas : Quilombos, África, Educação para as relações Étnico raciais, mulheres.²

Claudiana Aparecida Santos Portugal, mestranda pela Universidade Federal de Ouro Preto no departamento de pós-graduação em educação na linha Desigualdades, Diversidades, Diferenças e Práticas Educacionais Inclusivas. Especialista em mídias na educação, possui graduação em História - Licenciatura e Bacharelado pela Universidade Federal de Ouro Preto (2014) e é integrante do Coletivo Lélia Gonzalez, Presente!- Unilab-CE³.

Silvana Chagas Holanda, mestranda em Geografia do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PROPGEO/UECE), com vínculo de bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), possui Graduação em Geografia - Licenciatura (2010), integrante do Grupo de Pesquisa e Articulação Campo, Terra e Território - NATERRA (UECE/CNPQ), e integrante do Coletivo Lélia Gonzalez, Presente! -UNILAB/CE⁴.

¹ Fonte: Currículo Lattes. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/2219098715582621>

² Fonte: Currículo Lattes. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/6009656730433392>

³ Fonte: Currículo Lattes. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/0833021508664044>

⁴ Fonte: Currículo Lattes. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/6108491605960326>

2. JUSTIFICATIVA PARA A ESCOLHA DO TEMA DA PESQUISA

2.1. CAROLINEANDO EXISTÊNCIAS: “ESCREVIVÊNCIAS” DE UMA MULHER NEGRA

O olho do sol batia sobre as roupas estendidas no varal e mamãe sorria feliz. Gotículas de água aspergindo a minha vida-menina balançavam ao vento. Pequenas lágrimas dos lençóis. Pedrinhas azuis, pedaços de anil, fiapos de nuvens solitárias caídas do céu eram encontradas ao redor das bacias e tinas das lavagens de roupa. Tudo me causava uma comoção maior. A poesia me visitava e eu nem sabia... (Evaristo, 2017. p 09).

Compartilho aqui minhas “escrevivência”, sou Dayane da Silva Moreira, nascida aos 20 de maio de 1992, natural de Santa Luzia (MA), filha de Antônio Valdeci e Joaquim Moreira. Dessa união nasceram também meus cinco irmãos. Aos quatro anos de idade, nos mudamos para Pecém (CE) onde passei parte da minha primeira infância. De lá, trago as memórias de uma infância que me ensinou desde cedo a questionar meu lugar no mundo, mesmo quando eu só deveria me preocupar em viver plenamente essa etapa da minha vida. Muito cedo vieram as preocupações, e eu já conseguia perceber as dores, mas também todos os sorrisos e vivências compartilhadas. Morávamos em uma vila, em uma casa cedida pela empresa em que meu pai trabalhava. A partir das memórias dessa etapa da minha vida, já começo a perceber as questões raciais em minha família. Sou filha de uma mulher branca e de um homem negro, existem alguns relatos de que a família da minha mãe não aceitava o relacionamento com meu pai, por se tratar de um homem negro.

Através da leitura da obra “Pele Negra, Máscaras Brancas” de Frantz Fanon (2008, p. 69) ⁵pude ter a compreensão acerca dessa relação, o autor faz uma análise da relação do “Homem de cor, e a branca”, apontando para a seguinte abordagem:

Da parte mais negra de minha alma, através da zona de meias-tintas, me vem este desejo repentino de ser branco. Não quero ser reconhecido como negro, e sim como branco. Ora — e nisto há um reconhecimento que Hegel não descreveu — quem pode proporcioná-lo, senão a branca? Amando-me ela me prova que sou digno de um amor branco. Sou amado como um branco. Sou um branco. Seu amor abre-me o ilustre corredor que conduz à plenitude.

⁵ Autor martinicano que se dedica parte do seu tempo em entender os efeitos dos processos de racialização ocorridos na França, como uma herança do colonialismo.

Sempre estive atenta a esses assuntos, observava que não havia uma valorização da cor de meu pai, nem mesmo por parte dele, sempre senti que ele tinha orgulho de ser casado com uma mulher loira dos olhos claros.

Somente na Universidade pude ter contato com esses assuntos e entendi o quanto era importante para o meu pai casar com uma mulher branca, isso fazia dele “um homem melhor”, mais aceito, o que explica Fanon ao abordar essa relação, essa “dignidade branca”, que agora passo a compreender no meu contexto familiar, pois havia uma valorização da cor de minha mãe, e uma inferiorização na cor do meu pai. Essas e outras questões raciais eu passei a perceber também em outros espaços por meio dos estudos e aprofundamento com a temática.

Outro ponto relevante é como algumas obras literárias me fizeram despertar para essas questões, uma delas foi o livro “O olho mais azul”, da escritora negra estadunidense Toni Morrison, em que me faz voltar a minha infância, me vendo em algumas situações vivenciadas por uma personagem abordadas no livro. Trago um dos trechos do livro que me trouxeram reflexões:

Toda noite, sem falta, ela rezava para ter olhos azuis. Fazia um ano que rezava fervorosamente. Embora um tanto desanimada, não tinha perdido a esperança. Levaria muito tempo, muito tempo para que uma coisa maravilhosa como aquela acontecesse. Lançada dessa maneira na convicção de que só um milagre poderia socorrê-la, ela jamais conheceria a própria beleza. Veria apenas o que havia para ver: os olhos das outras pessoas. (MORRISON, 2003. p.50)

Lembro-me dos meus sonhos, “E se eu tivesse nascido branca, dos olhos azuis da cor dos olhos da minha mãe, e se meu cabelo fosse loiro como o dela”, Eu iria gostar muito mais naquele momento. O desejo mais profundo, dormia sonhando, e idealizando do jeito que eu gostaria de ter nascido. Assim como a personagem do livro, eu fiquei pensando desejando ter nascido branca. Porque Deus me fez assim? Parecida com meu pai e não com minha mãe? Porque eu tinha que nascer dessa cor? Lembro de passar horas imaginando a “Dayane” que eu queria ser.

A autora nos mostra a convicção da personagem em ter o que não podia e assim jamais conheceria a sua própria beleza. Da mesma forma acontecia comigo.

Foi um longo processo para que eu reconhecesse a minha própria beleza, o que só aconteceu na vida adulta, enquanto na minha infância vivia “vendo pelos olhos das outras pessoas”, que sempre inferiorizavam a minha cor.

Por muito tempo ouvi coisas do tipo, “ela parece com o pai dela”, que é um homem negro, e isso sempre era dito com um tom de voz, que parecia reprovar, e demonstrar um sentimento de pena por eu não ter nascido parecida com a mãe.

Todas essas questões vivenciadas em minha infância me fizeram ter uma concepção ruim sobre minha cor, então durante muito tempo carreguei esses questionamentos: “Posso ser anjo na coroação de nossa senhora? Existem anjos pretinhos? Posso interpretar uma rainha ou princesa nas atividades da escola? Posso ser apresentadora de TV?”. E revisitando as minhas memórias encontro as respostas. Não! Nunca me escolheram como criança negra para coroar nossa senhora, nunca fui escolhida na escola para ser princesa, e ou rainha em desfiles e nunca me vi representada nos programas de TV.

Na verdade, em nenhum momento na minha trajetória escolar presenciei o estudo sobre as relações étnicas raciais, nem tive experiências que me proporcionaram um reconhecimento da minha própria beleza, da beleza de minha pele negra. Carreira e Souza fazem um abordagem sobre esta temática ao apontar:

Nas relações cotidianas, o racismo prejudica o desenvolvimento da autoconfiança e autoestima de milhões de pessoas negras, indígenas e de outros grupos sociais discriminados. Ele também é um obstáculo para a construção de relações respeitadas, de reconhecimento positivo e de solidariedade entre as pessoas, ao alimentar a idéia de uma sociedade hierarquizada, na qual uns “valem mais que outros”, que determinadas histórias e culturas são melhores do que outras. (2013, p.13)

Essas questões me acompanharam durante toda a minha infância e também em minha adolescência. Enquanto estudante, lembro que na escola a forma que se abordava as questões raciais, eram sempre de inferiorizar a cultura do povo negro, tratava do processo de escravização a partir da ótica do colonizador, e não de uma forma em que alunos negros, pudessem se reconhecer na luta do povo negro, em suas conquistas, em sua cultura ou nos seus saberes.

É o que falam as autoras quando abordam a autoestima e autoconfiança da pessoa negra que passa pelo racismo cotidiano e que acabam carregando os prejuízos por toda sua vida.

Jerry D’ávila (2006) em sua obra “Diploma de Brancura: política social e racial no Brasil – 1917/1945” se dedica em compreender o Brasil no início do século XX e diz que após a abolição da escravatura, o desejo da nação tornou-se objetivo central de um grupo que comandava o país. O lema era melhorar a raça a todo custo, eixo

central do projeto brasileiro pensado e defendido por um grupo formado pela elite brasileira, sendo eles, médicos, advogados e políticos que acreditavam que os negros e pobres eram degenerados. O ideal de melhorar a raça teve como porta de entrada, de 1917 a 1945, a saúde e a educação, sob o comando de uma “elite branca médica, científico-social” emergente que, segundo Dávila (2006, p. 22),

Transformou suas posições sobre raça em políticas educacionais. Essas políticas não apenas refletiam as visões da elite sobre degeneração; elas projetavam essas visões em formas que geralmente contribuíam para a desvantagem de brasileiros pobres não-brancos, negando-lhes acesso equitativo aos programas educacionais proporcionais. Como essas políticas imbuídas de lógica médica e científico-social, elas não pareciam, superficialmente, prejudicar nenhum indivíduo ou grupo. Em consequência, essas políticas não só colocavam novos obstáculos no caminho da integração social e racial no Brasil como deixavam apenas pálidos sinais de seus efeitos.

Esse “diploma de brancura”, visto como o desejo de uma nação, se perpetua no racismo cotidiano em um País que insiste em colocar para “debaixo do tapete” todo seu histórico de um projeto colonial que perdurou por muitos anos e que ainda está refletido nas práticas de discriminação racial no dia a dia.

A partir da minha entrada na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB) no ano de 2015, passei a ter um entendimento crítico acerca de todas essas questões que envolvem o racismo, onde eu, uma estudante negra, passou a ter contato com a literatura Africana e Afro-brasileira, principalmente de autoria feminina, e então passou pelo processo de “tornar-se negra”, a buscar a valorização da ancestralidade, e a iniciar o processo de “descolonização” da minha mente. Foi através dessa busca, de conhecer o passado, que compreendo o presente. Por meio de todas essas relações que envolvem o racismo, passei a perceber como isso afetou ao longo da minha vida, e como uma educação afrocentrada me possibilitou enxergar por outras perspectivas.

Quanto aos meus primeiros anos de vida escolar, minha mãe não tinha nenhum meio de transporte para nos deixar na creche, localizada em uma comunidade distante de onde morávamos. Os transportes naquele período eram pagos e meus pais não tinham condições financeiras para isto, então os primeiros contatos com o ensino e a educação que eu e meu irmão, de um ano e meio mais velho que eu, foram proporcionados por nossa mãe, isso nos intervalos dos afazeres de casa, pois ela ainda trabalhava como doméstica, o que sobrava pouco tempo

para nos ensinar algo. Mesmo com todas as dificuldades e todo o atraso para iniciar minha vida escolar, ainda assim minha mãe se esforçava bastante para nos ajudar a aprender a ler e escrever. O meu pai não concluiu o ensino fundamental e minha mãe não concluiu o ensino médio.

Percebo que toda a minha trajetória me levou para a realização dessa pesquisa. Os caminhos traçados na Universidade e o reconhecimento da minha ancestralidade, me fazem enegrecer a minha escrita, a partir de minhas vivências de mulher negra. Conceição Evaristo (2020, p. 83) reforça isto quando aponta que a “escrita está sempre marcada pela sua condição de mulher negra na sociedade brasileira”.

2.2. ESCRIVIVÊNCIAS: MEU PERCURSO DE ESCOLARIZAÇÃO ATÉ A ENTRADA NA UNILAB-CE.

A menina curiosa
só queria ler
Só uma menina
com os olhos atentos
brilhando esperança
já sabia que
a vida exigia
Sabedoria

Então,
saiu a procura
de tantas respostas...
Recriando o mundo
Através das palavras

Dayane Moreira

Apresento neste tópico, um mosaico de vivências e de experiências compartilhadas as quais me fizeram trazer à tona as memórias recorrentes, o que possibilitou abordar fragmentos desse passado para o presente.

Iniciei minha vida escolar aos seis anos de idade na Escola de Ensino Fundamental Deputado Leorne Belém, uma escola rural, localizada no distrito de Acende Candeia, (Pecém-CE).



Figura 1- Imagem retirada da página do facebook da E.E.F Dep. Leorne Belém

Comecei os estudos diretamente na primeira série, onde fui alfabetizada. Ao chegar na escola, eu apenas conhecia o alfabeto e tentava juntar algumas letras, porém com dificuldade. Quando consegui ler, passei a ler tudo que estava à minha frente, tornou-se uma paixão desenfreada pela leitura. Recordo que minha tia mandava os livros que meus primos, da minha idade, não usavam mais, ela também mandava cadernos de caligrafia.

Para falar sobre minha relação com minha mãe trago um trecho de Conceição evaristo (2017. p 19),

O tempo passava e eu não deixava de vigiar minha mãe. Ela era o meu tempo. Sol, se estava alegre; lágrimas, tempo de muitas chuvas. Dúvidas, sofrimentos que dificilmente ela verbalizava, eu adivinhava pela nebulosidade de seu rosto. Mas anterior a qualquer névoa, a qualquer chuva havia sempre o sorriso, a graça, o canto da brincadeira com as meninas-filhas ou como as meninas-filhas. Foi daquele tempo meu amalgamado ao dela que me nasceu a sensação de que cada mulher comporta em si a calma e o desespero.

Assim como Conceição, eu enxergava minha mãe, mesmo sem ter as palavras, “ela era o meu tempo”. Minha mãe não verbalizava suas aflições, eu tentava adivinhar observando, mas “sempre havia o sorriso”, hoje lendo Conceição posso nomear essa experiência com minha mãe “ela comporta em si a calma e o desespero”.



Figura 2 - Dayane Moreira e sua mãe Antônia Valdeci. Fonte: da autora.

Sedenta da palavra
Palavra que gira o mundo
que vai longe
que precisa chegar a lugares
a Pessoas
Sedenta das palavras
Do dizer
A sede das palavras bateu forte
Na porta
E virou poesia

Dayane Moreira

Em uma visita ao Pecém-CE, revisei minha casa, o lugar que passei a minha primeira infância, ali eu pude correr, brincar, ser criança, uma criança negra, curiosa. Agora adulta, faço uma reflexão da minha classe social, das privações, do entendimento das dificuldades enfrentadas por uma família, a minha família, o meu lar, hoje faço a reflexão a partir dos escritos de Angela Davis⁶ em seu livro “Mulheres, raça e classe” (2016), percebo estar dentro de todos esses conceitos apontados por ela, algo que só pude compreender por meio da educação superior.

⁶ Angela Davis é filósofa, professora emérita do departamento de estudos feministas da Universidade da Califórnia e ícone da luta pelos direitos civis. Como ativista, integrou o grupo Panteras Negras e o Partido Comunista dos Estados Unidos. Foi presa na década de 1970 e ficou mundialmente conhecida pela mobilização da campanha “Libertem Angela Davis”. Foi candidata a vice-presidente da República em 1980 e 1984. Autora de vários livros, sua obra é marcada por um pensamento que visa romper com as assimetrias sociais. (Davis, 2016. 8)



Figura 3 - Foto da casa de Dayane Moreira na cidade Pecém-CE. Fonte: da autora.

No ano de 1999, a minha família mudou-se para o distrito de Antônio Diogo (CE), distante 12 km da cidade de Redenção (CE), cidade natal da minha mãe e dos meus avós maternos. Ao chegar nessa cidade fui matriculada na Escola Nossa Senhora de Fátima para cursar parte do ensino fundamental. O Ensino Médio foi concluído na Escola de Ensino Médio Camilo Brasiliense.



Figura 4 - Fachada da E.E.F.M Camilo Brasiliense no ano de 2010. Fonte: da autora.



Figura 5 - Fachada da E.E.F.M Camilo Brasiliense no ano de 2024. Fonte: Site Crede 08

Passei toda a minha formação básica em escolas públicas, e por isso eu não via a possibilidade de ingressar no ensino superior, eu entendia como um sonho inalcançável. Porém no ano de 2014, decidi prestar o vestibular em uma Faculdade particular e tentar um financiamento estudantil - FIES. E essa foi a única maneira que encontrei para ingressar no ensino superior no curso de Bacharelado em Serviço Social.

Enquanto cursava Serviço Social, eu continuava tentando ingressar na Universidade pública por meio do Exame Nacional de Ensino Médio - ENEM. E foi no ano de 2015 que consegui ingressar na Universidade da Internacional da Integração da Lusofonia Afro-brasileira (Unilab) através das cotas sociais para estudantes da rede pública de ensino.



Figura 6 - Fachada do campus da Liberdade-UNILAB-CE. Fonte: Site da UNILAB

2.3. “UBUNTU” EU SOU PORQUE NÓS SOMOS: MULHERES EM MOVIMENTO, CAMINHOS QUE SE CRUZAM.

Sou mulher negra, brasileira.
Busco reafirmar a minha identidade a cada dia,
nos meus traços, nos meus passos,
nos laços que vou firmando ao lado de mulheres
que são plurais,
mas que se encontram
nas histórias que se cruzam,
nos olhares que falam da ancestralidade,
que se somam aos diálogos tão presentes,
que falam das dores, dos sorrisos,
das lembranças e vivências,
de suas “escrevivências”
de África, dos Brasis, do maciço,
daqui e de lá, falam de travessias,
essas que atravessam o tempo
e se unem em rodas,
nesse “aquilombamento” de corpos,
do corpo feminino,
que também é poesia,
é prosa,
não é só resistência,
nessa roda ouvimos falar de nossas dificuldades,
dessas que nos fazem fortes,
da resiliência de corpos que se abrem,
no compartilhamento de suas vidas,
liras e lidas,
e nessa roda se busca força,
se busca olhares, palavras e abraços
que nem sempre fortes se abraçam,
é a magia do feminino, do corpo feminino desses
brasis, de África,
da diáspora do maciço,
daqui e de lá.

Dayane Moreira

Sou uma mulher negra registrando minhas “Escrevivências”, aprendiz de Carolina, de Conceição e de tantas mulheres negras que me inspiram a “escrever”, Assistente Social, Professora e Poeta.

Apresento a seguir, mulheres que cruzaram com o meu caminho nessa trajetória acadêmica, elas que suscitam em mim o sentimento de não andar sozinha, caminho ao lado delas, mulheres em movimento e como diz Paulina Chiziane(2013), “mulheres por uma nova visão de mundo”.

A Professora Dra. Luana Antunes Costa⁷, é Doutora em Letras (Estudos

⁷ Fonte: Currículo Lattes. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/3114545548919559>

Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa), pela Universidade de São Paulo (2014), concluiu o estágio doutoral na Universidade Paris, Nord 13 (França), possui Pós-doutorado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2016), Pós-doutorado pela Sorbonne Université IV (2022); mestre em Letras (Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas de Língua Portuguesa) pela Universidade Federal Fluminense (2008), é bacharel e licenciada em Letras (Língua e Literatura Portuguesa e Francesa) pela Universidade Estadual Paulista (2005), professora adjunta do Instituto de Linguagens e Literaturas da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB/CE), tendo também atuado no Instituto de Humanidades da mesma universidade. Foi coordenadora de área do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/Letras/UNILAB - 2016/2018). É líder do Grupo de Pesquisa e Projeto de Extensão Universitária "Sobre o Corpo Feminino - Literaturas africanas e afro-brasileira" (CNPq/UNILAB), pesquisadora do grupo de pesquisa "África Contemporânea" (UNILAB) e membra titular do Setor de Promoção da Igualdade Racial da UNILAB.

Meu caminho se cruza com o da professora Luana Antunes em uma disciplina optativa intitulada "Literatura e feminismos contra-hegemônicos" quando eu ainda cursava o Bacharelado em Humanidades na Unilab-CE, foi nessa disciplina que conheci "Carolina Maria de Jesus", a intelectual negra sorteada para o trabalho em equipe, e assim como escrevo em um poema que intitula essa pesquisa, passei a "carolear a minha existência".

Particpei da primeira edição do evento "As Pretas na Unilab" em 2017, quando iniciei minha participação no Projeto de Pesquisa e Extensão "Sobre o Corpo Feminino nas Literaturas Africanas e Afro-brasileiras", coordenado pela Profª Drª Luana Antunes.

De acordo com Antunes, (et al, 2020):

O projeto de extensão universitária Ciclo de estudos e debates "Sobre o corpo feminino – Literaturas africanas e afro-brasileira" nasce a partir do grupo de pesquisa "Sobre o corpo feminino" (UNILAB/CNPq), em atuação desde 2016 na UNILAB. Em decorrências das pesquisas desenvolvidas pelo grupo, que envolve alunos, pesquisadores e professores da UNILAB e de outras universidades, constatamos a necessidade de desenvolver um projeto de extensão, com o intuito de dialogarmos, de forma mais estreita, tanto com a comunidade externa à instituição, quanto com demais segmentos da comunidade interna, destacando o nosso compromisso com o estabelecimento de diálogos entre os campos do ensino interdisciplinar das literaturas africanas e afro-brasileiras, das artes e das ciências humanas, e o campo da

pesquisa, base importante do Projeto Político Pedagógico da UNILAB.

E nas encruzilhadas de nossas vidas, nossos caminhos se encontraram, e em cada organização do evento PRETAS NA UNILAB - Encontro de Mulheres Negras, Afro-Latino Americanas e Caribenhas, organizado para acontecer anualmente no mês de julho, em alusão ao dia 25 de julho⁸ pela memória de Tereza de Benguela⁹. Um evento para trazer mais pretas para a roda, para ouvir “nossas vozes-mulheres”, como diz Conceição Evaristo (2017, p. 21).

Eu mulher negra,
preciso de um lugar seguro.
caminhar com as minhas,
espaços que me fortaleçam,
Lugar de escuta
partilhas
lugar para colocar minha fala e me
sentir compreendida.
E isso
só encontro
ao lado das minhas.

Dayane Moreira



Figura 7 - Foto da Professora Dra. Luana Antunes.. Fonte: Site da UNILAB

⁸ Data reconhecida pela ONU desde 1992. Graças ao trabalho incansável de mulheres que se reuniram em julho daquele ano, na República Dominicana, no 1º Encontro de Mulheres Negras da América Latina e do Caribe – que se reuniram para discutir a realidade de suas vivências e se organizaram internacionalmente.

⁹ Tereza de Benguela foi uma mulher negra e líder quilombola que viveu no século XVIII, no Estado de Mato Grosso, foi uma das responsáveis por liderar o Quilombo de Quariterê, um dos maiores quilombos do Brasil colonial.



Figura 8 - Foto da Professora Dra. Luana Antunes com participantes do Projeto “Sobre o Corpo Feminino nas Literaturas Africanas e Afro-brasileiras” da UNILAB-CE. Fonte: da autora.



Figura 9 - Participantes do Projeto “Sobre o Corpo Feminino nas Literaturas Africanas e Afro-brasileiras” da UNILAB-CE. Fonte: Foto de Julianne Pinheiro



Figura 10 - Participantes do Projeto “Sobre o Corpo Feminino nas Literaturas Africanas e Afro-brasileiras” da UNILAB-CE. Registros da performance “Amefricanas”.Fonte: da autora.

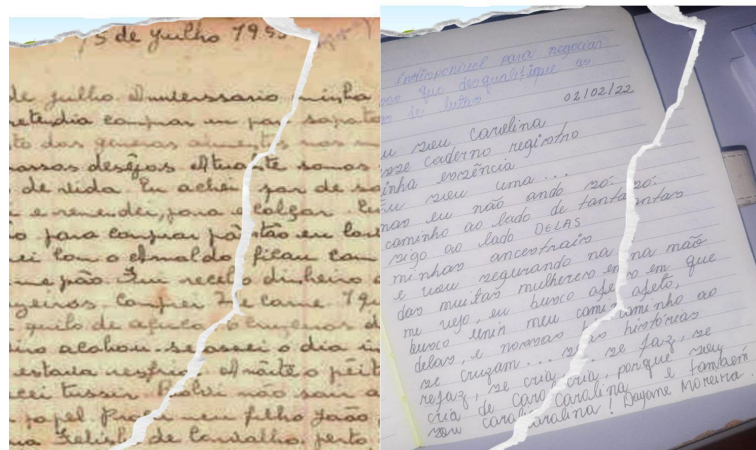


Figura 11 - Cadernos de Carolina Maria de Jesus e os cadernos de Dayane Moreira. Fonte: Foto montagem da autora.

Meu encontro com a professora Dr^a Jacqueline Costa aconteceu no ano de 2016, quando eu estava à procura de uma orientadora para o processo de Trabalho de Conclusão de curso. E a partir de seu aceite, venho aprendendo muito com essa intelectual, brasileira, professora, Mulher, Preta, Feminista. Jacqueline Costa¹⁰ é Profa. Adjunta da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, ligada ao Instituto de Humanidades (UNILAB- IH- Ceará), doutora em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), foi bolsista do International Fellowships Program/Brasil (IFP) (2010), mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), licenciada em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) e em Pedagogia pela Universidade Nove de Julho (UNINOVE), membra fundadora e pesquisadora do Núcleo de Estudos Africanos, Afrobrasileiros e Indígenas da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Neaabi/Unilab), coordenadora do Projeto de Extensão Lélia Gonzalez, Presente! projeto de Formação intelectual e Política sobre Feminismos Negros, conhecimento e empoderamento de Mulheres Negras (Unilab-Ce), líder do Grupo de Pesquisa "Lélia Gonzalez, Presente: Rede de Estudos e Formação sobre o Pensamento Feminista Negro, Interseccionalidades, Trajetórias e Escrevivências". Coordenou o Núcleo de Estudos sobre Educação Gênero, Raça e Alteridade (NEGRA/UNEMAT), Coordenou o Curso de Bacharelado em Humanidades (BHU/Unilab-Ceará) e hoje atua como pesquisadora colaboradora, pesquisadora colaboradora do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da UFSCar.

No ano de 2017, tive a orientação da profa. Jacqueline no trabalho de

¹⁰ Fonte: Currículo Lattes. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/3988962683769172>

conclusão de curso do Curso de Bacharelado em Humanidades, intitulado “Hanseníase, Resistência e Assistência: Reflexões a Partir do Movimento de Reintegração das Pessoas Atingidas pela Hanseníase – Morhan, Antonio Diogo - Ceará”. Também tive sua orientação no Trabalho de Conclusão de curso do Bacharelado em Serviço Social em uma instituição particular.

No ano de 2022 ingressei no Projeto Lélia Gonzalez, presente da UNILAB-CE a qual ela é coordenadora. No ano de 2023, recebi o convite para ser formadora no projeto, e têm sido transformador e potente cada atividade que tenho a honra de participar.

Professoras negras como Jacqueline Costa me trouxeram a reflexão da potência da minha negritude, da minha escrita e nesse espaço desafiador que é Universidade tornaram esse espaço melhor, fazendo jus a filosofia Ubuntu: “Eu sou porque nós somos”. São pretas, mulheres movendo as estruturas, a partir de seus trabalhos dentro e fora da Universidade, através das metodologias usadas em suas atividades, através da criação de Projetos de Intervenção, de coletivos, grupo de estudos, mulheres negras guardiãs do Projeto UNILAB.



Figura 12 - Foto da Professora Dra. Jacqueline Costa. Fonte: Arquivos do Projeto Lélia Gonzalez.

Jacqueline Girassol
Jacqueline sol
ilumina onde passa!
Que alegria nosso encontro...
você é poesia
inspiração!!!
Gratidão



Figura 13 - Aula da componente, Educação, Gênero e Sexualidade ministrada pela Profa. Dra. Jacqueline Costa Fonte: da Autor



Figura 14 - Formatura do Bacharelado em Humanidades. Fonte: da autora

Meu encontro com a professora Dra. Natália Cabanillas, aconteceu também nesses espaços formativos organizados por mulheres negras.

Profa. Dra. Natália Cabanillas¹¹ é professora Adjunta no Instituto de

¹¹Fonte: Currículo Lattes. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/0354485947485345>.

Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira (UNILAB), Ceará, no Bacharelado em Humanidades, na Licenciatura em História e professora no Mestrado Interdisciplinar em Humanidades. Doutora em Sociologia pela Universidade Nacional de Brasília (2016) com estância na University of the Western Cape, África do Sul (Visita técnica e PDSE-CAPES: 18 meses), sua tese foi sobre mulheres ativistas na Cidade do Cabo. Mestre em Estudos de Ásia e África, especialidade: África - El Colegio de México (2009). Professora em História (2004) pela Universidad Nacional de La Plata (UNLP), Argentina. Líder do Grupo de Pesquisa CNPq Estudos Feministas Africanos. Atualmente coordena o projeto de pesquisa Gêneros e Feminismos na África Global (bolsista de produtividade Funcap). Coordenou diversos projetos de extensão sobre cinema, feminismos, patrimônio histórico e ensino de história. Experiência docente na UNLP, Argentina (nível graduação), e no Mestrado profissionalizante em Políticas Públicas e Gênero da Faculdade Latino Americana de Ciências Sociais (FLACSO) México (2009-2012).

No ano de 2022, participei da organização do “III seminário Amefricanidades: pensamentos feministas para a descolonização de Abya Yala” evento organizado pelo projeto de Extensão Sobre o Corpo Feminino - Literaturas Africanas e Afro-brasileiras, em parceria com a Red Feminismos, Cultura e Poder. Nesse período o projeto estava sob a coordenação da profa. Natália.

O curso teve por objetivo apresentar e debater textos de pensadoras feministas de Abya Yala (América Latina) e seus aportes aos feminismos contemporâneos. Através destas autoras nos interessa estabelecer pontes entre os feminismos afro-brasileiros e latinoamericanos, colocando em diálogo as produções intelectuais de mulheres negras multi-situadas.

Durante a atividade foram abordados o pensamento da feminista chicana, Glória Anzaldúa, com o texto “Como domar uma língua selvagem”, por meio do capítulo “A fronteira”. Participei da atividade juntamente com a mestrande em antropologia, Fatumata Djarai Balde.

A questão da fronteira esteve sempre presente na vida de Anzaldúa. Como é perceptível em seus escritos, ela não trata apenas da fronteira física entre os territórios mexicano e estado-unidense: Anzaldúa utilizou essa tensão para se entender como ser humano, para se definir como pessoa, para pensar sua cor, sua sexualidade, sua identidade e seu lugar no mundo (ou o seu não-lugar).

Comecei a pensar: "Sim, sou chicana, mas isso não define quem eu sou. Sim, sou mulher, mas isso também não me define. Sim, sou lésbica, mas isso não define tudo que sou. Sim, venho da classe proletária, mas não sou mais da classe proletária. Sim, venho de uma mestiçagem, mas quais são as partes dessa mestiçagem que se tornam privilegiadas? Só a parte espanhola, não a indígena ou negra. [...] Comecei a pensar em termos de consciência mestiça. O que acontece com gente como eu que está ali no entre-lugar de todas essas categorias diferentes? O que é que isso faz com nossos conceitos de nacionalismo, de raça, de etnia, e mesmo de gênero?" (GLÓRIA ANZALDÚA.76)

Minha escrita se entrelaça com intelectuais que me aproximei a partir do meu reconhecimento enquanto mulher negra dentro da Universidade, que me proporcionou o contato com professores de excelência, que me apresentaram escritoras como ANZALDÚA.

Em um dos meus poemas, aponto que fui salva por meus cadernos, assim como Anzaldúa afirmou, a autora diz que os livros seriam os responsáveis por salvar sua sanidade, pois o conhecimento teria aberto lugares antes trancados e a ensinou a sobreviver e depois “subir” (ANZALDÚA, 2012).

A menina que foi salva por seus
cadernos.

Esse texto fala sobre
Lembranças de infância
O poder das palavras
das linhas
dos caminhos
da educação...

Lembro bem dos meus cadernos
espalhados.
Eles eram a minha companhia.
Enquanto eu desenhava ou escrevia,
ouvia gritos, ouvia toda a confusão
gerada pelo alcoolismo
e sua demasiada dose de machismo.
Que desespero para aquelas meninas
Para aqueles meninos.
Nos deixaram marcas
meus cadernos me salvaram
Me deram a cura
o controle
a esperança
Sigo escrevendo
desenhando futuros
que sejam melhores
que sejam leves
felizes.

Dayane Moreira



Figura 15 - Foto da Professora Dra. Natália Cabanillas. Fonte: arquivos Lélia Gonzalez.



Figura 16 - Card de divulgação do evento Amefricanidades.
Fonte: Arquivos do Projeto Sobre o Corpo Feminino

No ano de 2023, participei da 7ª Marcha da Margaridas que ocorreu em Brasília - DF com o lema “*Pela reconstrução do Brasil e pelo Bem viver!*”. De acordo com as informações contidas no site da Marcha das Margaridas, os eixos políticos que mobilizaram a marcha foram: Democracia participativa e soberania popular; Poder e participação política das mulheres; Autodeterminação dos povos, dentre outros.

Na ocasião, participei como integrante do Projeto de Extensão Lélia Gonzalez, presente, onde foi realizada uma oficina de bonecas Abayomi, momento que deixo registrado como de grande importância para a minha trajetória de vida,

estar nessa marcha com mulheres de todos os cantos desse Brasil, me fortaleceu e ficará gravada “as sementes da luta, de milhares de mulheres que se unem em marcha” Levantando Bandeiras de luta pela vida das mulheres, pelo bem viver.

Foi nesse encontro potente, que conheci Mazé Moraes¹², a coordenadora da Marcha das Margaridas de 2023. Maria José Moraes Costa, mais conhecida como Mazé, é natural de Batalha/PI. Casada e mãe de dois filhos, é agricultora familiar em regime de parceria com os pais, numa área de 1,5 hectare. No Movimento Sindical de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (MSTTR) começou a atuar em 2005. Na Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG),¹³ Mazé foi Diretora de Juventude entre 2013 e 2017. Em 2013, foi eleita secretária de Jovens da CONTAG. No mesmo período, assumiu a Secretaria de Juventude da Coprofam e compôs a Diretoria Ampliada da CUT Nacional. Em 2017, foi eleita secretária de Mulheres da CONTAG e, no mesmo ano, suplente do Comitê de Mulheres da UITA. Em 2019, coordenou a 6ª Marcha das Margaridas, maior mobilização protagonizada pelas mulheres do campo, da floresta e das águas.



Figura 17 - Foto de Mazé Moraes. Fonte: arquivos Lélia Gonzalez.

¹² Informações do site da CONTAG. Disponível em: <http://www.contag.org.br/indexdet.php?modulo=portal&acao=interna&codpag=234&nw=1>

¹³ A Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG) busca melhores condições de vida para a categoria trabalhadora rural. Sua trajetória é fruto da organização, trabalho, articulação e mobilização dos mais de 4.000 Sindicatos de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (STTRs) e das 27 Federações de Trabalhadores na Agricultura (FETAGs) filiadas, que compõem junto com a CONTAG o Movimento Sindical de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (MSTTR). Fonte: Site da CONTAG.

Sementes de Margarida

Margarida Alves
Não se rendeu
Da luta não se retirou
Aguerrida
Margarida
Plantou
As sementes da luta
Milhares de mulheres
Se unem em marcha
Levantando
Bandeiras
De luta
Pela vida das mulheres
Pelo bem viver
Para que possamos
Ter melhores
Condições de vida
De dignidade
Mulheres
Sementes de margarida
Sementes de luta
De resistência
Margarida Alves
Semente que brota
Cada vez mais forte
Na vida
De milhares de mulheres
Que da luta não se retiram
Que se unem em marcha
Na grande marcha
Das margaridas

Dayane Moreira



Figura 18 - Registro de participantes da 7ª Marcha das Margaridas. Fonte: A autora



Figura 19 - Registro da oficina de Abayomi na 7ª Marcha das Margaridas . Fonte: A autora



Figura 20 - Registro da oficina de Abayomi na 7ª Marcha das Margaridas. Fonte: A autora



Figura 21- Registro da oficina de Abayomi na 7ª Marcha das Margaridas. Fonte: A autora



Figura 22 - Registro da participação da autora na 7ª Marcha das Margaridas. Fonte: da autora

O meu encontro com a professora Dra. Rosangela Ribeiro¹⁴, aconteceu nas rodas, nos encontramos, no chão da sala de aula, Rosangela Ribeiro é uma professora comprometida com a educação que liberta, que transforma, sua trajetória é inspiradora. Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual do

¹⁴ Fonte: Currículo Lattes. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/7260145792225336>.

Ceará (2004), mestrado em Educação pela Universidade Federal do Ceará (2010) e doutorado em Educação Brasileira pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará (2015). Atuou nos anos de 1993-1995 como Coordenadora Diocesana da Pastoral da Juventude do Meio Popular (PJMP); foi professora, gestora e técnica da Educação Básica na Prefeitura Municipal de Fortaleza (2001-2017). Atualmente é Professora Adjunta da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira desde 09/2017. Atua na Coordenação de Área e na Coordenação Voluntária do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - Pibid, no subprojeto de Pedagogia/Unilab/Ceará (Agosto/2018 - Junho/2019-Janeiro/2020); Atua na Coordenação de Área do subprojeto Pedagogia no Programa Residência Pedagógica/Unilab/Ceará (Novembro/2020 - aos dias atuais). Assumiu a Subchefia do Setor de Promoção da Igualdade Racial na Unilab (2019-2020). Coordena o Grupo de Estudos Gênero e Raça na perspectiva da Luta de Classes.



Figura 23 - Profa. Dra. Rosângela Ribeiro. Fonte: Arquivos Projeto Lélia

3. METODOLOGIA DA PESQUISA

O meu lugar de pesquisa é a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia AfroBrasileira (UNILAB), campus Palmares, com instalações em Acarape-CE, campus que abriga o Instituto de Humanidades (IH) e o Projeto Lélia Gonzalez, Presente!

O método utilizado para a coleta de dados foi a entrevista aplicada com quatro cursistas participantes do projeto de extensão desde o ano de 2022, ano de fundação do projeto. Trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa, apontada pela socióloga e pesquisadora Maria Cecília de Souza Minayo (1994. p.21) como modalidade de pesquisa onde “uma realidade que não pode ser apenas quantificada, porque essa realidade possui um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes.”

Como recurso metodológico, foram feitas perguntas semiestruturadas, para a coleta de relatos espontâneos, considerando os espaços e as experiências das mulheres negras entrevistadas. A técnica utilizada foi a “Escrevivência” e a Interseccionalidade como ferramenta analítica.

Para Conceição Evaristo, escrevivência “na essência do termo, não como grafia ou como som, mas, como sentido gerador, como uma cadeia de sentidos na qual o termo se fundamenta e inicia a sua dinâmica” (p. 29). A autora, postula que com base nos relatos pretende-se compreender as experiências e vivências de mulheres negras, “nossa escrevivência traz a experiência, a vivência de nossa condição de pessoa brasileira de origem africana”(p. 30).

A Interseccionalidade está amparada pela Espistemologia Feminista Negra, amplamente estudado pela socióloga, norteamericana Patrícia Hill Collins. Hill Collins (2020, p.20), define a Interseccionalidade como uma ferramenta que auxilia na compreensão das “divisões sociais resultantes das relações de poder de classe, raça, gênero, etnia, cidadania, orientação sexual e capacidade são mais evidentes no ensino superior”. A autora afirma que o ingresso de diferentes grupos sociais na universidade, tem exigido uma atenção especial das e dos professoras (es) para (re)pensar novas chaves de análises, trazido diferentes temas para o currículos, ou seja tem requerido das (os) docentes, um olhar interseccional para essa base interseccional de opressões pautada nas questões de raça, gênero, etnia, autoctonia e estatuto de cidadania.

4. O PROJETO DE EXTENSÃO LÉLIA GONZALEZ, PRESENTE!, DA UNILAB-CE

O Projeto de Extensão “Lélia Gonzalez, Presente!” é um projeto de formação interdisciplinar, intelectual e político sobre o pensamento feminista negro e empoderamento de mulheres negras, vinculado ao Instituto de Humanidades da UNILAB-CE, com financiamento interno do Programa de Bolsa de Extensão Arte e Cultura – PIBEAC. Ele busca fortalecer a integração da UNILAB com a comunidade interna e externa, promovendo o empoderamento intelectual e político de mulheres negras tanto da UNILAB (Campi de Redenção, Acarape e São Francisco do Conde), bem como de lideranças e ativistas de movimentos e organizações do movimento feministas, mulheres, jovens, adolescentes, gestoras, professoras, estudantes, artistas, pesquisadoras, produtoras culturais e mulheres que atuam nos sindicatos urbanos e rurais de diversos espaços do Brasil.

O projeto é fruto da experiência docente da Profa. Dra. Jacqueline Costa, que ao longo dos 8 anos de docência na Unilab, sente, conforme seus relatos,

“a necessidade de sair do espaço da sala de aula e ouvir como poderia chegar nas mulheres negras fora desse contexto acadêmico temas como feminismo negro, a produção das intelectuais negras entre outros temas. Percebeu que precisava desenvolver uma atividade extensionista que pudesse realmente colocar em prática o processo de Escuta, que desenvolveu em sala de aula, ao longo dos anos de experiência e principalmente no contexto de pandemia, onde as aulas ocorriam virtualmente” (Costa, 2024).

Nesse processo de construção, a Profa. Jacqueline convidou a Profa. Eliane Barbosa (profa. do curso de Administração da Unilab) e a Profa. Dra. Marcelle Carvalho (Profa. do curso de História da Universidade do Vale do Acaraú) para apresentarem juntas a proposta de extensão no Edital/Pibeac/2021.

Por meio de cursos de formação e debates sobre as diversas vertentes do pensamento feminista negro no Brasil, na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), em países da América Latina e Norte-Americanos, busca-se proporcionar uma reflexão sobre a produção de conhecimento de intelectuais negras e suas contribuições para a construção de uma agenda

feminista/antirracista para “o bem viver”¹⁵.

Os Encontros de Formação acontecem no formato on line, pela plataforma Zoom (em razão de que o seu início se deu na Pandemia em janeiro de 2022) e tem como parceira a Confederação Nacional dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares (CONTAG) e a Secretaria Nacional de Mulheres, hoje comandada pela Mazé Moraes.

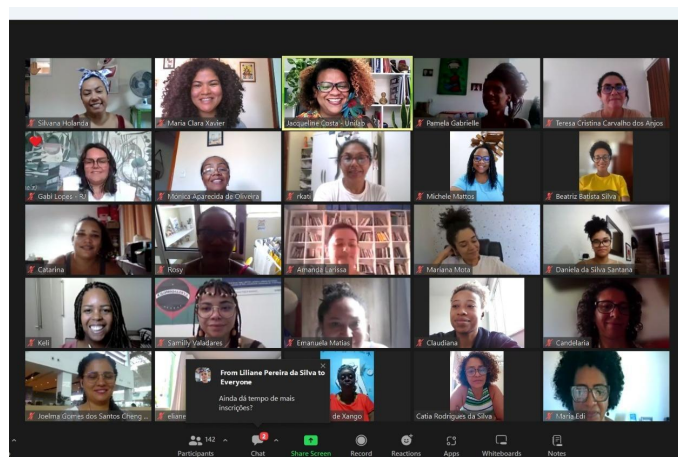


Figura 24 - Registro do encontro do Projeto Lélia Gonzalez. Fonte: Arquivos Projeto Lélia

No ano de 2022, as cursistas que integravam o projeto eram dos municípios do Estado do Ceará (Redenção, Acarape, Fortaleza, Pacatuba, Baturité, Cariri, São Francisco do Conde, Tianguá), Bahia (Salvador), Mato Grosso (Cáceres e Cuiabá), São Paulo (São Paulo), Rio de Janeiro (Rio de Janeiro), Minas Gerais (Ouro Preto), Distrito Federal (Brasília), Pará (Santarém), Piauí (Teresina), Pernambuco (Recife) e Rio Grande do Norte (Natal).

Por meio de cursos de formação e debates sobre as diversas vertentes do pensamento feminista negro no Brasil, na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), em países da América Latina e Norte-Americanos, buscou-se proporcionar uma reflexão sobre a produção de conhecimento de intelectuais negras e suas contribuições para a construção de uma agenda feminista/antirracista para “o bem viver”. Assim, o projeto de pesquisa e extensão dialoga com Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, e com a intelectualidade da mulher negra, com o intuito de dar voz às mulheres negras, promover espaços para a oralidade, escrita, relatos de experiências e narrativas.

¹⁵ O termo bem viver foi amplamente discutido com a primeira edição da Marcha das Mulheres Negras realizada em Brasília, no dia 18 de novembro de 2015. Com o tema Contra o Racismo, a Violência e pelo Bem Viver.

5. A IMPORTÂNCIA DE ESPAÇOS FORMATIVOS VOLTADOS PARA O EMPODERAMENTO FEMININO NEGRO.

Carolina Maria de Jesus
Carolineando minha existência
Quando li sobre seus cadernos
me veio as memórias de infância,
onde eu menina sempre tinha
um caderno ali por perto.
Carolina amante dos versos
Carolineou minha existência
Me fez refletir sobre as dores dessa
vida
Sobre a força das palavras
A grandiosidade dos sonhos
Carolineando existências
Carolina juntava letras e transformava
em vida.
Sopro de resistências cotidianas
Registradas em miúdas letras
E grandes sonhos
Carolineou minha vida com suas
palavras
Carolina Maria de Jesus vive
Carolina semente
Carolina registros
Carolinou minha existência

Dayane Moreira

Os escritos de intelectuais negras como Carolina Maria de Jesus (2007), Conceição Evaristo (2020), Sueli Carneiro (2003), Nilma Lino Gomes (2012) entre outras, têm retratado a condição da população negra, em especial das mulheres e meninas negras na sociedade brasileira em forma de denúncia. Embora, nas últimas duas décadas, tenha havido um importante investimento na produção e circulação dessa literatura, há um desafio imposto, essa produção ainda está distante das meninas e mulheres negras no nosso país. (DUARTE, 2020, p.83).

Constância Duarte (2020) afirma ainda que, o projeto estético-ideológico presente nas obras de Conceição Evaristo não deixa dúvidas quanto ao engajamento na denúncia da condição feminina e afrodiaspórica, em um país governado pela hegemonia dos valores brancocêntricos¹⁶, herdados de três séculos e meio de escravidão.

Conceição Evaristo (2020, p. 83) afirma que sua “escrita está sempre

¹⁶ Conferir em BRANQUEAMENTO E BRANQUITUDE NO BRASIL In: Psicologia social do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil / Iray Carone, Maria Aparecida Silva Bento (Organizadoras) Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. (25-58)

marcada por sua condição de mulher negra na sociedade brasileira”. Nesse sentido, também nos faz refletir bell hooks¹⁷ (1995, p.01), ao afirmar que vivemos em uma sociedade “anti-intelectual” e destaca ainda “que a decisão de trilhar conscientemente um caminho intelectual foi sempre uma opção excepcional e difícil para muitos da população negra, sendo mais um chamado que uma escolha vocacional” (bell hook, 1995, p. 02).

A partir do exposto, é possível fazer relação ao que aponta Eliane Ferreira, mulher negra, integrante do Coletivo de Mulheres Negras Lélia Gonzalez, Presente!

Primeiro eu fiquei vinte e poucos anos sem estudar, a vida me levou a isso. E em um belo dia eu falei, vou voltar a estudar, e aí em 1996, fiz o vestibular e passei. E depois que formei, eu só pensava em trabalhar, pois precisava dar uma melhorada na situação pra família, então fui me deixando o tempo inteiro de lado, pensava em todo mundo, menos em mim, e o Lélia me proporcionou isso, de voltar para mim. Eu sempre gostei muito de escrever, mas isso tinha ficado embotado por todo esse tempo, escrevia as coisas que a faculdade ou o trabalho exigiam, mas de forma a assim a desenvolver a escrita como uma maneira de me expressar, de colocar pra fora as minhas angústias e alegrias, não tinha tempo pra isso, o Lélia me fez ter esse tempo, e aí eu fui apresentada a essas intelectuais todas que a gente tem hoje, e me peguei muito na Conceição Evaristo. (Relato de Eliane Ferreira, 64 anos, Rio de Janeiro, Formadora do Projeto, 2024)

Eliane Ferreira, dialoga com bell hooks e com Conceição Evaristo, relata o tempo que passou sem estudar, dedicando-se ao trabalho como uma maneira de melhorar a situação de sua família, e assim foi anulando-se de seus desejos em continuar os estudos. Diante da condição de mulher negra, muitas vezes vemos-nos nessa situação, e somos convocadas por essas intelectuais negras a trilhar esse caminho da intelectualidade, mesmo com todos os desafios. Na fala da Eliane Ferreira também percebemos o quanto os espaços formativos para mulheres negras são potentes para que o chamado à escrita ocorra e muitas vezes a trazer as suas “escrevivências”, como nos indica Conceição Evaristo e assim ocupar espaços outros.

Outro relato que Eliane Ferreira traz em sua fala trata-se de sua aproximação com a leitura da intelectual Conceição Evaristo, Eliane Ferreira se viu em Conceição, assim diz:

¹⁷ O nome da autora em minúsculo é uma opção da autora.

(...) me peguei muito na Conceição Evaristo, que ela com a questão da escrevivência e aí no ano passado, no final do ano a gente fez uma apresentação e foi um momento de muito prazer, porque eu tive a consciência de que eu estava participando de um projeto de Extensão em uma Universidade no Ceará, enfim foi um momento de êxtase, pois a partir daí eu não parei mais porque eu vislumbrava o mestrado um sonho inalcançável, mas era um sonho que eu tinha e tenho ainda, aí eu ficava me sabotando o tempo inteiro porque precisa de inglês, e ficava no eu “não posso, eu não posso”, e o Lélia me deu essa força, hoje eu ainda não estou no mestrado, mas estou fazendo uma pós-graduação. (Relato de Eliane Ferreira, 64 anos, Rio de Janeiro, Formadora do Projeto, 2024)

A intelectual bell hook (2019, p.38) em sua obra “Anseios: raça, gênero e políticas culturais” aponta um diálogo sobre o poder da educação para a consciência crítica de acordo com a autora:

A educação para a consciência crítica é a tarefa mais importante que se põe diante de nós. Como profissionais da academia, como muitos de nós somos, fazemos intervenções críticas úteis por meio de uma pedagogia libertadora. A escrita e a fala são dois espaços importantes para a transmissão das nossas ideias.

Para tanto, ouvir essas mulheres nos ajuda a responder a seguinte questão: *Qual a importância de espaços formativos voltados para o empoderamento feminino negro na vida das mulheres negras?*

Eliane Ferreira nos faz perceber o quanto esses espaços são importantes:

(...) o Lélia me deu essa força, hoje eu ainda não estou no mestrado, mas estou fazendo uma pós-graduação, eu morava no Rio, e às vezes passava na Avenida Brasil, e lá têm um prédio da Fiocruz, e eu ficava namorando o prédio, que é um castelo lindo, não sei se vocês conhecem, no meio de uma intensa movimentação, e eu falava, um dia eu vou pertencer aquela instituição, e hoje eu pertenço, porque estou fazendo um curso de pós-graduação, uma especialização na Fiocruz, tudo isso graças ao Lélia. (Relato de Eliane Ferreira, 64 anos, Rio de Janeiro, Formadora do Projeto, 2024)

Segundo Nilma Gomes (2012), no artigo “Movimento Negro e Educação: ressignificando e politizando a raça”:

A educação tem merecido atenção especial das entidades negras ao longo da sua trajetória. Ela é compreendida pelo movimento negro como um direito paulatinamente conquistado por aqueles que lutam pela democracia, como uma possibilidade a mais de ascensão social, como aposta na produção de conhecimentos que valorizem o diálogo entre os diferentes sujeitos sociais e suas culturas e como espaço de formação de cidadãos que se posicionem contra toda e qualquer forma de discriminação.

Assim, lutar por acesso e condições dignas de permanência nas universidades brasileiras tem sido pauta de um longo debate por diversos grupos sociais, coletivos e pautas governamentais. Dentro desse contexto, pode-se pensar a universidade como um espaço importante de transformação social e de produção e circulação de conhecimento/saberes, quando ela se pauta no tripé do ensino, pesquisa e extensão.

Joseli Cordeiro nos faz refletir sobre esse espaço ao trazer sua experiência com o Projeto de Extensão Lélia Gonzalez, presente!

(...) eu faço essa transição, eu saí do Quilombo pra Fortaleza, para cursar o mestrado, e eu estava naquele momento de muito desamparo da vida, eu tava em outra cidade, com outras pessoas, em uma universidade que eu não tinha nenhuma familiaridade, e próximo de iniciar no Lélia, eu tava já naquela fase de escrita, e mesmo que eu tivesse um orientador, que apoiasse, que me motivasse, que me desse liberdade, eu continuava dentro estrutura de opressão, de pressão que é a academia, então isso me barrava na escrita, eu tava me sentindo muito ansiosa, muito fora de mim, e aí a Marcelle que eu conheço, que estava fazendo doutorado na mesma Universidade que eu, a gente começou a participar de um grupo de pesquisa, que é o caldeirão, também da faculdade, e aí ela me chama pra ser parte do Lélia, para cursar o Lélia, e aí eu acho muito louco porque desde o primeiro encontro eu me senti muito parte, e eu acho que é essa a magia do Lélia, assim você gera instantaneamente uma intimidade com o grupo, com as mulheres, com os textos, com as pessoas que vão fazer a mediação o diálogo. (Relato de Joseli Cordeiro, Quilombo Batoque-Ce, Formadora do Projeto, 2024).

Assim como Eliane Ferreira, Joseli Cordeiro também reforça a importância do projeto, desse espaço formativo que vem contribuindo de forma significativa para a vida de mulheres negras, o sentimento de pertencimento, de estar em um lugar em que a escuta e o cuidado as unem, desde a escolha de textos até a interação dessas mulheres negras nas discussões e espaço para a fala, um elo que as unem em um aquilombamento do corpo feminino.

Em um dos relatos Joseli Cordeiro também aponta para a estrutura de opressão que encontrou na Universidade e como o projeto impactou sua vida diante dessas situações vivenciadas, Vejamos sua narrativa:

Desde o primeiro encontro o grupo me fez sentir essa sensação de conforto, de ter um novo Quilombo pra me reerguer, me aproximar, me juntar e eu acho que isso foi muito importante para o meu processo de escrita, não só acadêmica, mesmo que eu estivesse na Universidade, dentro da UFC, dentro dessa estrutura que tentava me oprimir, porque muitas das vezes a Universidade é isso, ela entende o que você faz, e o

que você escreve não é o suficiente, não é um conhecimento válido, e aí ao longo dos anos da graduação, de mestrado, ela te empurra textos e autores que estão lá para dizer que o que você diz não é pesquisa. E aí quando você entra em grupo como o Lélia, outros intelectuais, outros pensadores, seja em forma de texto, seja em forma de participantes, ou em forma de debatedores, que dizem assim, ei peraí, vamos com calma, aqueles não te servem, mas nós servimos. (Relato de Joseli Cordeiro, Quilombo Batoque-Ce, Formadora do Projeto, 2024)

É pertinente fazer uma relação sobre a fala de Joseli Cordeiro ao que também escreve Felisberto, (2020 p. 165) em seu artigo “escrivência como rota de escrita acadêmica:

Não é fácil se libertar das amarras das estruturas acadêmicas internalizadas que apontam sistematicamente para “regras” que, no momento de produção de um texto, se traduzem muitas vezes em uma preocupação maior para acertar na forma, ponto recorrente de desqualificação, o que me conduz, com frequência, a titubear, e em alguns momentos engessam a minha capacidade criativa. Já fui traída algumas vezes pela minha escrita! Em diversas ocasiões não encontro o léxico ideal, em outros a estrutura que materialize o meu sentimento, o que torna o exercício da reescrita uma etapa constante em distintos artigos que produzo. (Relato de Joseli Cordeiro, Quilombo Batoque-Ce, Formadora do Projeto, 2024)

Quando Joseli Cordeiro levanta essa questão do quanto a academia nos leva muitas vezes a questionar nossa escrita, Felisberto e Joseli Cordeiro dialogam e trazem essas denúncias desses espaços, fazendo-nos ter ainda mais a convicção do quanto estar em espaços formativos como o projeto Lélia Gonzalez, Presente! contribui para o fortalecimento de mulheres negras, para encontrarem essas rotas para a escrita acadêmica como nos indica Felisberto.

Outra integrante do Projeto de Extensão Lélia Gonzalez, Presente! Claudiana Portugal, aponta sua visão sobre o contato com a Universidade:

vocês não tem noção como foi estranho pra mim direcionar um diálogo, para uma doutora, e eu pensei: gente eu não sei falar com esse tipo de pessoa, como é que eu vou falar com uma pessoa assim? - Porque já estava na minha cabeça que aquele ambiente excludente da academia, do superior, iria me julgar, ia ver os pontos, as vírgulas da conversa, eu não me achava suficiente para poder conversar, não me achava suficiente, e aí quando ela começou a me ajudar a fazer o projeto, assim só do jeito dela falar, eu já sentia um estranhamento, uai gente, essa mulher tá falando comigo de igual pra igual, assim dessa forma, achei estranho, e aí ela me falou do Lélia, e aí eu aceitei, porque não? (Relato de Claudiana Portugal, Formadora do Projeto, 2024)

Claudiana Portugal traz um pouco da sua percepção sobre essa relação excludente que é a Universidade e que a fazia se ver insuficiente, porém em sua

caminhada teve a contribuição de uma professora negra, a professora Dra Marcelle Carvalho, que a convidou para fazer parte do Projeto de extensão Lélia, Gonzalez. Claudiana Portugal também traz o relato de seu primeiro contato com o grupo:

[...] a gente vem machucado dessa trajetória que a gente tem da graduação, e aí além de eu me sentir livre pra errar, ainda por cima parecia que o grupo entendia essa aflição que eu sentia, é como se fosse um diagnóstico mesmo, que o grupo dá, e vai injetando remédio mesmo, por isso que eu acho que é um ambiente de cura, de empoderamento, porque é como que a pessoas entendem o que a gente é, sem a gente nem precisar falar. Por isso, pra mim o Lélia se tornou esse ambiente que eu vinha pra me curar dos males que o ambiente acadêmico colocou na minha vida, brancos, totalmente certinhos, homogeneizador, e a partir disso eu me curei, e pronto posso começar a entrar nesse ambiente novo com uma outra perspectiva. (Relato de Claudiana Portugal, Formadora do Projeto, 2024)

Claudiana Portugal fala sobre o empoderamento que os encontros do projeto de extensão possibilitam, eles vão para além da vida acadêmica, vejamos o seguinte relato:

[...] isso foi muito interessante, não só na minha carreira acadêmica, mas também pessoal, da minha vida pessoal, e por fim o mais importante do grupo, eu me senti muito validada quando fui convidada para ser formadora, muito validada e isso me trouxe pro compromisso de estar sempre, se eu não tivesse tido aquele convite como formada, talvez eu teria me distraído na vida, e me deixado, e não está sempre, porque o mais importante de um grupo contínuo é sempre alguém, em todos os encontros, têm uma fala que eu preciso ouvir, que eu precisava mesmo ouvir, acho isso muito bacana e isso me trás a esse ambiente sempre, por mais que seja virtual, se faz muito presente por causa disso. (Relato de Claudiana Portugal, Formadora do Projeto, 2024)

Joseli Cordeiro fala da sensação de conforto do que ela considera um novo Quilombo, e como o dialogar com mulheres negras têm esse potencial transformador, ela traz o seguinte relato:

[...] hoje eu digo facilmente, vamos tomar um café com bell hooks, com Lélia Gonzalez, do mesmo jeito que eu tomaria com vocês, eu acho que o maior potencial do grupo pra mim, é nesse sentido de gerar intimidade ao ponto de ao mesmo tempo que eu dialogo com mulheres da década de 70, 80 eu tô dialogando também com mulheres do hoje, do agora, desde o primeiro encontro o grupo me fez sentir essa sensação de conforto, de ter um novo Quilombo pra me reerguer, me aproximar, me juntar e eu acho que isso foi muito importante para o meu processo de escrita. (Relato de Joseli Cordeiro, Formadora do Projeto, 2024)

A fala de Joseli Cordeiro é repleta de poesia, quando aponta essa intimidade de convidar as intelectuais negras para um café, nos remete esse sentimento de

união, fazendo-se perceber em cada texto lido, textos que falam de nós, que a experiência de Joseli Cordeiro contribui para refletirmos sobre esse diálogo com intelectuais negras, tanto as que são estudadas nas rodas de conversas, bem como por meio dos ciclos de formação ou até mesmo nos relatos, das histórias que se cruzam a partir desse espaço formativo e de empoderamento.

Silvana Holanda, também integra o projeto de extensão Lélia Gonzalez, Presente! dialoga com a temática o seu relato:

Quando cheguei no Lélia, senti uma grande diferença, principalmente maturidade das pessoas que faziam a composição do coletivo, e essa oportunidade da gente de falar, por ter essa oportunidade de poder se expressar, de ser ouvida, de ser acolhida, e não são todos os espaços que são assim, muitos espaços são de disputa, e isso acaba se tornando um outro espaço de opressão igual os milhares que a gente têm por aí, então me senti acolhida, e esse acolhimento me fez sentir empoderada, e eu vivenciei situações em que eu já disse não, também pra ver quais são as reações, porque eu também aprendi a dizer não, e o Lélia traz isso, ao ler os textos da própria Lélia Gonzalez eu encontrei referências que são importantes para minha pesquisa também da minha dissertação de mestrado, foi todo esse empoderamento. (Relato de Silvana Holanda, Formadora do Projeto, 2024)

De acordo com Patricia Hill Collins (2019, p. 72) em seu livro “Pensamento feminista negro: os vínculos entre o que fazemos e o que pensamos, ilustrados por mulheres negras como indivíduo”, também pode-se caracterizar as experiências e as ideias das mulheres negras como grupo.

Historicamente, a segregação racial com relação à moradia, educação e emprego criou elementos comuns, motivando a formação de um ponto de vista coletivo baseado em grupos.

Joseli Cordeiro aborda em seus relatos sobre a importância da escuta, do sentir-se parte, do criar espaços de troca de experiências e do acolhimento:

[...] não precisa pedir pra ser parte, automaticamente você já é, a partir do momento que você está lá. Muitas das vezes a gente nem fala no encontro, mas a gente escuta, e essa é uma parte muito válida, a escuta dentro do grupo é muito respeitada, às vezes você tá lá, nem tá bem, mas às vezes a situação que você está passando outras pessoas estão passando também, e mesmo que não estejam passando vão ser afetuosas e acolhedoras com você, porque elas vão entender que a questão é que nenhum outro movimento, é tão ancestral e tão circular quanto o movimento entre mulheres negras, e é isso que o Lélia é, é um movimento de mulheres negras, a ancestralidade do povo preto ele perpassa quase que totalmente por mulheres negras, aí o Lélia é esse espaço de ancestralidade, a escuta, são presentes e são ativos, não são palavras bonitas apenas, elas são

corporificadas nas nossas falas, nas presenças e aí como disse Silvana, a gente passa a ter a oportunidade de reproduzir o que nos foi passado, a gente faz a roda girar, a partir do momento em que a gente passa, além de participante, formado. (Relato de Joseli Cordeiro, Formadora do Projeto, 2024)

E como nos indica Ângela Davis, “quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela”¹⁸. Joseli Cordeiro traz esse pensamento em sua fala, relata sobre o movimento ancestral de mulheres negras e dialoga com esse chamado que nós mulheres negras temos, através de nosso movimento, mover as estruturas.

Todas as mulheres que foram ouvidas neste trabalho deixaram evidente que consideram a participação no projeto Lélia Gonzalez, Presente! uma parte significativa e de grande influência para o empoderamento feminino negro, são trajetórias distintas mas que se encontraram nessa circularidade, nessa união de mulheres negras. Para dialogar com esta abordagem, Sueli Carneiro (2003, p. 129), afirma:

O efervescente protagonismo das mulheres negras, orientado num primeiro momento pelo desejo de liberdade, pelo resgate de humanidade negada pela escravidão e, num segundo momento, pontuado pelas emergências das organizações de mulheres negras e articulações nacionais de mulheres negras, vem desenhando novos cenários e perspectivas para as mulheres negras e recobrando as perdas históricas. Sumariamente, podemos afirmar que o protagonismo político das mulheres negras tem se constituído em força motriz para determinar as mudanças nas concepções e o reposicionamento político feminista no Brasil. (CARNEIRO, 2003, p.129).

A experiência do Projeto Lélia Gonzalez, soma-se ao que Sueli Carneiro destaca acerca do protagonismo de mulheres negras em todos os espaços de luta e produção de conhecimento. Aqui destacamos o importante papel que a Profa. Dra. Petronilha Beatriz, à época docente do Instituto de Educação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e conselheira titular do Conselho Nacional de Educação (CNE), teve na execução e coordenação da confecção da Lei 10.639/03 que alterou a Lei de Diretrizes de Base da Educação (LDB). Trata-se de um mecanismo legal, que assegura a aplicabilidade da temática racial nas escolas públicas e nas universidades brasileiras, traçando estratégias para o alcance de

¹⁸ Frase proferida por Ângela Davis, filósofa e militante de movimentos sociais norte-americana, em uma palestra no ano de 2019.

currículo que evidencie a produção de conhecimento a partir das experiências de grupo historicamente silenciados.

Nilma Lino Gomes (2012), há também um forte protagonismo de intelectuais negras e negros na luta pela implementação de cotas nas universidades públicas. Nilma denomina de movimento negro educação, às conquistas dessa, que passa pela garantia do ingresso e de estudantes negras e negros na universidade e também, a garantia de um currículo que descolinze corpos e mentes.

Dados levantados pela Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes), com base no Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep), demonstram que o número de alunos (as) negros (as) e pardos aumentaram de 41% do total de matrículas da rede federal, em 2010, para 52%, em 2020. Entre os (as) estudantes indígenas nesta conta, os índices passam de 42% para 53%. Os dados apontados demonstram que apesar das políticas afirmativas terem contribuído significativamente para a chegada da população negra, indígena e quilombola na universidade, ainda se faz necessário cada vez mais tencionarmos uma matriz curricular afrocentrada, decolonial e pós-colonial.

Vale salientar que eventos como a realização da *III Conferência Mundial de Combate ao Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata*¹⁹, somado aos esforços dos movimentos e coletivos negros, do governo, das universidades, dos Neabs (Núcleos de Estudos Afrobrasileiros), fomentam discussões sobre a temática do antirracismo, feminismo negro e empoderamento feminino.

Pode-se trazer para este contexto, a criação da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), que tem sido um marco na luta antirracista, afrocentrada, decolonial e pós-colonial.

Para Jacqueline Costa (2019), no artigo intitulado “*O papel do Movimento Negro na consolidação de um projeto político-educacional por meio das políticas afirmativas*”, ao se referir à UNILAB, a autora afirma que o projeto compõe a soma de esforços, lutas e resistência dos movimentos sociais, que contribui para criar um ambiente favorável para reivindicações por cidadania, pelo direito a educação e pela promoção da igualdade de oportunidades concretizadas por meio

¹⁹ Realizada de 31 de agosto a 7 de setembro de 2001, em Durban, África do Sul.

de uma agenda de ações positivas, “dentre as quais a criação de espaços institucionais de produção de conhecimento garantidos por políticas de ação afirmativas, de igualdade, de diversidade, de reparação e de internacionalização”. (COSTA, 2019, p.132).

6. DE CAROLINA A CONCEIÇÃO A ESCRITA COMO FORMA DE FALAR DE SI.

Aquilombamento Lélia
me convida a romper silêncios
Aquilombamento Lélia me convida a escrita
a escrevivência
Encontrar mulheres do Lélia Gonzalez, presente!
é reafirmar o poder da conexão
o acolhimento da nossa pretitude
são falas de acalanto
de afeto
de cura
é conexão!

Dayane Moreira

O título deste capítulo faz referência a um dos encontros formativos do Projeto de Extensão Lélia Gonzalez, Presente. Esse tema foi trabalhado por mim e pela formadora Joseli, nele dialogamos com as duas intelectuais negras brasileiras, Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo. Para a realização dos encontros, foi proposto às cursistas refletirem sobre as autoras acima mencionadas, e como elas pensaram suas escritas e suas expressões de falas, abordando assim as potencialidade da “escrevivência”.

Nas “escrevivências” de Conceição Evaristo (2020), nos contos de Chimamanda Adichie (2017) e Dina Salústio (2002); nas leituras de bell hooks (1995); potencializando o “*nosso lugar de fala*” com Djamila Ribeiro (2017), dançando nossa amefricanidade com Lélia Gonzalez, e tantas outras leituras e tantas outras vivências em nossas rodas, em constante movimento, tecendo histórias saberes, e luta em busca do nosso bem viver.

No caminho das “escrevivências”, Walter Mignolo (2008), nos dá pistas importantes de que estamos no caminho certo, propondo a partir da “escrita de nós”, o “eu” deixa de ser individual e passa ser coletivo, com um conjunto de experiência e vivências negras são na verdade o resultado da luta pela descolonização do currículo, mas especificamente pela ascensão da produção de um intelectualidade negra. Para citá-lo,

A opção descolonial é epistêmica, ou seja, ela se desvincula dos fundamentos genuínos dos conceitos ocidentais e da acumulação de conhecimento. Por desvinculamento epistêmico não quero dizer abandono ou ignorância do que já foi institucionalizado por todo o planeta (por exemplo, veja o que acontece agora nas universidades chinesas e na institucionalização do conhecimento). Pretendo substituir a geo- e

apolítica de Estado de conhecimento de seu fundamento na história imperial do Ocidente dos últimos cinco séculos, pela geo-política e a política de Estado de pessoas, línguas, religiões, conceitos políticos e econômicos, subjetividades, etc., que foram racializadas (ou seja, sua óbvia humanidade foi negada). Dessa maneira, por “Ocidente” eu não quero me referir à geografia por si só, mas à geopolítica do conhecimento. Conseqüentemente, a opção descolonial significa, entre outras coisas, aprender a desaprender (como tem sido claramente articulado no projeto de aprendizagem Amawtay Wasi, voltarei a isso), já que nossos (um vasto número de pessoas ao redor do planeta) cérebros tinham sido programados pela razão imperial/ colonial. (Mignolo, 2008. p.290)

No Brasil, a intelectual, autora, ativista, professora, filósofa e antropóloga brasileira, Lélia Gonzalez, se tornou referência nos estudos e debates de gênero, raça e classe, tanto no Brasil e na América Latina, como pelo resto mundo, sendo considerada uma das principais autoras do feminismo negro no país. No seu livro “lugar de Negro”, escrito com o sociólogo Carlos Hasenbalg em 1982, a obra foi considerada pelos críticos o livro que mudou toda a maneira como se estuda racismo no Brasil. Assim Gonzalez e Hasenbalg, destacam a importância de se reinterpretar a teoria do lugar natural do filósofo grego Aristóteles para conceituar o lugar de negro, segundo o qual em todas nossas formações econômicas se manteve uma divisão racial de determinação dos lugares sociais a serem ocupados por pessoas brancas e negras.

Outro nome, que se destaca é o da pedagoga, escritora, professora, ativista, ex-reitora da UNILAB e ex-ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos do Brasil, Nilma Lino Gomes, é hoje referência nos estudos sobre intelectualidade negra que nos possibilita a ingressar a outra agenda de pesquisa e leitura teórico/epistemológica de pensar o movimento negro como “educador”, que contribuiu significativamente para o avanço de pautas importantes, como a educação e o acesso da população negra, do período do pós abolição até os dias de hoje. Outro tema que Gomes (2017), tem levantado é a consolidação de uma agenda antirracista, um esforço coletivo para o combate do racismo estrutural que atinge a população negra no Brasil.

Nesse contexto é importante destacar o protagonismo de outras mulheres negras que lutam contra o racismo estrutural e ao epistemicídio de suas produções acadêmicas não reconhecidas pelo cânone eurocêntrico. Dentre elas, estão Beatriz Nascimento, Petronila, Conceição Evaristo, Sueli Carneiro, Luiza Bairros, que assim como Lélia Gonzalez e Nilma Lino Gomes tiveram acesso aos estudos e fizeram de suas pesquisas um instrumento de militância política e intelectual.

Audre Lorde (2019), escritora estadunidense, filósofa, poeta e ativista feminista interseccional mulherista e dos direitos civis em especial das mulheres lésbicas e negras, nos indica, que devemos transformar o silêncio em linguagem e ação. De acordo com Lorde (2019) “quando as palavras das mulheres clamam por serem ouvidas, cada uma de nós deve reconhecer sua responsabilidade de tirar essas palavras para fora, lê-las, compartilhá-las e examiná-las em sua pertinência à vida. E isso só é possível quando se bebe dessa fonte, quando se dá voz à trajetória de vida de mulheres negras brasileiras. É o que nos indica as intelectuais negras, através dos encontros em espaços formativos como é o caso do Projeto de Extensão Lélia Gonzalez, presente, onde se pode construir um espaço seguro, e criar relações das escritas dessas mulheres, com essas trajetórias, seja ao ler os diários de Carolina Maria de Jesus, “mudando as coisas que não podemos aceitar” com os escritos de Ângela Davis.

De acordo com Salgueiro (2020, p. 110):

As escrevivências de Conceição Evaristo reverenciam as ancestrais, trazendo uma escrita de avanço das frentes abertas por Maria Firmina dos Reis (1822-1917) e Carolina Maria de Jesus (1914-1977) na estética literária feminina negra na literatura brasileira. Assim como Carolina, Conceição é intérprete do Brasil, emergindo em trajetória narrativa única a partir de seu cotidiano e memórias.

Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus apontam caminhos de transformação para vida das mulheres negras, suas obras são necessárias, Carolina traz o seguinte diálogo em seu livro “Quarto de despejo: Diário de uma favelada: “- Nunca vi uma preta gostar tanto de livros como você. Todos têm um ideal. O meu é gostar de ler. (Jesus, 2007, p. 23). Quarto de despejo: diário de uma favelada (1955), trata-se da primeira obra da escritora, é uma edição dos diários de Carolina Maria de Jesus, editado pelo jornalista Audálio Dantas.

De acordo com Guimarães, (2014):

Pode ser dito que Carolina Maria de Jesus, também escreve a partir de seu corpo negro feminino, numa escrita de si sobre suas angústias, medos, pensamentos, maternidade e lugar que ocupa na sociedade. É a mulher negra submersa em diversas opressões, escrevendo sobre sua essência e existência”.

Contudo, a escritora não escapou das críticas e tentativas de deslegitimarem sua obra, Carolina de Jesus sofria por parte dos críticos e da mídia

que buscavam a todo custo calar sua voz, pois em “Quarto de Despejo” Carolina mostra a realidade vivida por ela em vários contextos, uma mulher negra, mãe solo, Carolina nos mostra as diversas faces do cotidiano da vida na favela, denunciando o preconceito e apontando a real situação dos esquecidos socialmente. Como no indica Valek ²⁰(2016), Se o trabalho das escritoras é geralmente subvalorizado e apagado, o trabalho de uma escritora negra, pobre e favelada encontra ainda mais dificuldades para superar a barreira da invisibilidade.

Carolina ao trazer à tona suas “escrevivências”, faz ao mesmo tempo duras críticas sociais, e mostra a verdadeira cara da pobreza, vivenciada a todo momento na sua dura vida e luta pela sobrevivência. Mas havia uma grande e importante diferença, entre os demais trabalhadores, Carolina Maria de Jesus, enquanto escritora denunciando através da sua escrita a situação da mulher negra na sociedade brasileira, e foi além, na sua escrita de si, também mostrava a situação a sua volta, a dos moradores da favela do Canindé, esse corpo negro, essa mulher negra, talentosa, escritora, intelectual.

Para Valek (2016),

Carolina foi muito prolífica, para além do Quarto de Despejo; escrevia romances, contos, poemas, e, além daqueles que foram publicados – inclusive depois de sua morte, como Diário de Bitita –, ainda há milhares de páginas de material inédito de Carolina, entre eles, seis romances, mais de cem poemas e cerca de 67 crônicas.

²⁰ Aline Valek é Multiartista. Autora de romances, escritora e ilustradora brasileira.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados da presente pesquisa, é possível compreender o impacto do projeto Lélia Gonzalez, Presente! na trajetória de vida de mulheres negras participantes do projeto, refletindo sobre as suas linguagens como forma de transformação de realidades.

Desse modo, pode-se perceber a relevância dos espaços formativos voltados para o empoderamento feminino negro, bem como a importância de uma Universidade, cuja matriz curricular afrocentrada, feminista, diaspórica, como a UNILAB, tem feito a diferença na vida das pessoas que de alguma forma pode ter contato com projetos e ações educativas desenvolvidas por docentes ligados a ela, é o que podemos perceber através das experiências compartilhadas pelas formadoras do Projeto de Extensão Lélia Gonzalez, presente, que em cada fala afirmaram o quanto o projeto vem contribuindo significativamente para o processo de empoderamento, e as impulsionando em seus projetos de vida, seja de forma acadêmica ou na comunidade.

Com a realização da pesquisa, foi possível afirmar que as mulheres do Projeto Lélia Gonzalez, presente valorizam as experiências vivenciadas nesse espaço formativo, compreendendo ainda como um espaço de cura, diante do racismo cotidiano e dos desafios enfrentados na academia, pois afirmam em seus repertórios o impacto dos estudos das obras das intelectuais negras e o quanto esses diálogos as impulsionam a registrar suas “escrevivências”.

Nesse contexto, é importante enfatizar e enegrecer o papel do Projeto Lélia Gonzalez, Presente! um projeto de extensão que possui acúmulo Teórico/Metodológico/Afetivo o qual assume um compromisso de fortalecimento e empoderamento de mulheres negras que atuam em diferentes espaços da sociedade e que se propõe por meio da escuta das experiência de vida, desenvolver a sua proposta de formação, de movimentação, de acolhimento e de empoderamento de mulheres negras dentro e fora da Universidade.

8. ANEXOS

8.1. ANEXO A - ROTEIRO PARA REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA - UNILAB
INSTITUTO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

Este Roteiro é parte do Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade da Integração da Lusofonia Afro-brasileira, cujo objetivo é fazer uma análise sobre os impactos do “Projeto de Extensão Lélia Gonzalez, Presente!” na vida de mulheres, participantes/cursistas do projeto de extensão desenvolvido no ano de 2023.

Pesquisadora: Dayane da Silva Moreira

Professora Orientadora: Prof^a. Dr^a. Jacqueline da Silva Costa

ROTEIRO DE ENTREVISTA

- Qual o impacto do Projeto de Extensão Lélia Gonzalez, Presente! tem em sua trajetória de vida?
- Qual a importância do projeto de extensão e como ele contribui para o empoderamento de mulheres negras a partir de suas experiências?
- Qual o impacto do estudo de obras de intelectuais negras em sua vida?
- Como o projeto de extensão contribuiu para incentivá-la a continuar os estudos na graduação e na pós-graduação?

8.2. ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO PARA COLETA DE DADOS

Termo de Consentimento – Coleta de Dados para TCC

Eu, Silvana Chagas Holanda, portador(a) do RG 94024002273, residente no município de Fortaleza, entendo os propósitos acadêmicos, os procedimentos metodológicos e os objetivos desta pesquisa realizada por Dayane da Silva Moreira, portadora do RG: 2007584839-7, residente no município de Redenção/CE, aluna do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia do Instituto Humanidades da UNILAB/CE.

AUTORIZO, portanto, o uso dos resultados obtidos nesta entrevista para fins de pesquisa. AUTORIZO, também, a divulgação pública dos resultados deste trabalho e entendo que os mesmos não serão usados para fins lucrativos.

Fortaleza, 22 de novembro de 2024.

Documento assinado digitalmente
 SILVANA CHAGAS HOLANDA
Data: 22/11/2024 16:38:54-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Assinatura: Sujeito da Pesquisa

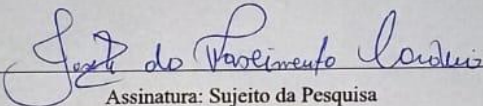
Assinatura: Promotor(a) da Pesquisa

Termo de Consentimento – Coleta de Dados para TCC

Eu, JOSELI DO NASCIMENTO CORDEIRO,
portador(a) do RG 2007028036237, residente no município de
BATOQUE, PACUJA-CE entendo os propósitos acadêmicos, os
procedimentos metodológicos e os objetivos desta pesquisa realizada por Dayane da
Silva Moreira, portadora do RG: 2007584839-7, residente no município de
Redenção/CE, aluna do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia do Instituto
Humanidades da UNILAB/CE.

AUTORIZO, portanto, o uso dos resultados obtidos nesta entrevista para fins de
pesquisa. AUTORIZO, também, a divulgação pública dos resultados deste trabalho e
entendo que os mesmos não serão usados para fins lucrativos.

PACUJA, 14 de NOVEMBRO de 2024.


Assinatura: Sujeito da Pesquisa

Assinatura: Promotor(a) da Pesquisa

Termo de Consentimento – Coleta de Dados para TCC

Eu, Eliane Helena Ferreira,
portador(a) do RG 04.830.424-0, residente no município de
Cabo Frio - RJ, entendo os propósitos acadêmicos, os
procedimentos metodológicos e os objetivos desta pesquisa realizada por Dayane da
Silva Moreira, portadora do RG: 2007584839-7, residente no município de
Redenção/CE, aluna do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia do Instituto
Humanidades da UNILAB/CE.

AUTORIZO, portanto, o uso dos resultados obtidos nesta entrevista para fins de
pesquisa. AUTORIZO, também, a divulgação pública dos resultados deste trabalho e
entendo que os mesmos não serão usados para fins lucrativos.

Cabo Frio, 15 de novembro de 2024.

Eliane Helena Ferreira

Assinatura: Sujeito da Pesquisa

Assinatura: Promotor(a) da Pesquisa

Termo de Consentimento – Coleta de Dados para TCC

Eu, Claudiana Aparecida Santos Portugal, portador(a) do RG14584788, residente no município de Ouro Preto MG, entendo os propósitos acadêmicos, os procedimentos metodológicos e os objetivos desta pesquisa realizada por Dayane da Silva Moreira, portadora do RG: 2007584839-7, residente no município de Redenção/CE, aluna do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia do Instituto Humanidades da UNILAB/CE.

AUTORIZO, portanto, o uso dos resultados obtidos nesta entrevista para fins de pesquisa. AUTORIZO, também, a divulgação pública dos resultados deste trabalho e entendo que os mesmos não serão usados para fins lucrativos.

Ouro Preto -MG, 22 de novembro de 2024.

 Documento assinado digitalmente
CLAUDIANA APARECIDA SANTOS PORTUGAL
Data: 22/11/2024 19:50:18-0300
Verifique em <http://validar.it.gov.br>

Assinatura: Sujeito da Pesquisa

Assinatura: Promotor(a) da Pesquisa

9. REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi; ROMEU, Júlia. No Seu Pescoço, 2017, 233 p.

BRASIL. Lei n. 11.645/2008, de 10 de março de 2008. Altera a lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 11 mar. 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm Acesso em: 01/10/2024.

BRASIL. Lei n. 12.289, de 20 de julho de 2010. Dispõe sobre a criação da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12289.htm Acesso em: 01/10/2024.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira”, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm Acesso em: 01/10/2024.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. Estudos Avançados 17 (49), 2003. pág. 117-142. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9948/11520>. Acesso em 01/10/2024.

COLLINS, Patricia Hill. Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019. com posfácio da autora,- São Paulo; Companhia das letras.

COSTA, Jacqueline da Silva. O papel do movimento negro na consolidação de um projeto político-educacional por meio das políticas de ação afirmativas. N'umbuntu em revista, v.02, p.01 - 20, 2019.

DÁVILA, Jerry. Diploma de brancura: Política social e racial no Brasil – 1917-1945. Tradução Claudia Sant’Ana Martins – São Paulo: Editora UNESP, 2006, 200 p.

DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe [recurso eletrônico] / ; tradução Heci Regina Candiani. - 1. ed. - São Paulo : Boitempo, 2016. recurso digital

DUARTE, Constância Lima. In Nunes, Isabella Rosado. Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo / organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes; ilustrações Goya Lopes. -- 1. ed. --Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. Escrevivência : a escrita de nós : reflexões sobre a obra de

Conceição Evaristo / organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes ; ilustrações Goya Lopes. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro : Mina Comunicação e Arte, 2020. EVARISTO, Conceição. Poemas da recordação e outros movimentos/Conceição Evaristo. -- Rio de Janeiro: Malê, 2017. ISBN 978-85-92736-11-8 1. Poesia brasileira.

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Salvador: EDUFBA, 2008.

FELISBERTO, Fernanda. Escrivência como rota de escrita acadêmica. In: *Escrivência : a escrita de nós : reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo / organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes ; ilustrações Goya Lopes*. 1. ed. Rio de Janeiro : Mina Comunicação e Arte, 2020. pág.165-181.

FIORIN, José Luiz. Linguagem e interdisciplinaridade. *Alea: estudos neolatinos*, v.10, p.29-53, 2008. Disponível em [HTTPS://www.scielo.br/j/alea/a/nTDjhCdwBqjsFGYct5ckdcd/?lang=pt](https://www.scielo.br/j/alea/a/nTDjhCdwBqjsFGYct5ckdcd/?lang=pt). Acesso em 01/010/2024.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire* (2004). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

GOMES, Nilma Lino. *Movimento Negro e Educação: ressignificando e politizando a raça*. 2012. 735 p.

GOMES, Nilma Lino. *O movimento negro educador. Saberes construídos na luta por emancipação*. Petrópolis, RJ: vozes, 2017.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. Rio de Janeiro: N°92/93 (jan./jun.) 1988b, p.69-82.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. *Lugar de Negro*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

GUIMARÃES, Geny Ferreira: Até onde Carolina nos leva com seu pensamento? Ao poder. São Paulo, 2014.p.85. <https://mih.unilab.edu.br/wp-content/uploads/2023/12/Desobediencia-epistemica.-Walter>. Acesso em 01/10/2024.

HOOKS, Bell. *Anseios: raça, gênero e políticas culturais*. São Paulo: Elefante, 2019. 448 p. Disponível em: <https://acrobat.adobe.com/id/urn:aaid:sc:US:97407e23-f9c6-427b-b2f8-f2d49aa57dc0> . Acesso em: 01/10/2024.

HOOKS, Bell. Intelectuais negras. *Revista de Estudos Feministas*. n. 2, 1995, p. 1-15.

JESUS, Carolina Maria. *Quarto de despejo*. 9. ed, São Paulo, Ática, 2007. p. 199

LORDE, Audre. *Irmã outsider*; tradução Stephanie Borges. - 1. ed. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. Cadernos de Letras da UFF, n. 34, p. 287-324, 2008. Disponível em: https://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia_epistemica_mignolo.pdf. Acesso em 10/10/2024.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.

MORRISON, Toni, 2003. O olho mais azul; Tradução Manoel Paulo Ferreira: Revista Batuko, “Arte, Cultura, Educação e Igualdade Racial”. Cadernos de arte e cultura da UNILAB. nº 1. Vol; 4. Redenção – CE, Novembro/2020.

RIBEIRO, Djamila. O que é: lugar de fala? Belo Horizonte - MG: Letramento Justificando, 2017.

SALGUEIRO, Maria Aparecida Andrade. Escrivivência: conceito literário de identidade afro-brasileira. In: Escrivivência : a escrita de nós : reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo / organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes ; ilustrações Goya Lopes. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro : Mina Comunicação e Arte, 2020. pág. 96-113

SALÚSTIO, Dina, Mornas eram as nois, 2002, 3ª Edição, Instituto da Biblioteca Nacional. 78 p.

SILVA, A. M. E. da. SILVA, G. A. S. da. MOREIRA, D. da S. (2023). Carolina Maria de Jesus vive em nós: Reflexos e reflexões dos 10 anos de cotas da Unilab, Ceará. *Cadernos De Campo (São Paulo - 1991)*, 31(2), Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v31i2pe206786>. Acesso em: 10.11.2024.

SOUZA, Denise Carreira; SILVA, Ana Lúcia. Indicadores da qualidade na educação: Relações raciais na escola/Ação educativa, Unicef, SEPPIR, MEC. São Paulo: 2013, 1ª edição. Unicef. 104. P

SOUZA, Neusa Santos. . 2021. Tornar-se negro: Ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Zahar. 171 pp.

VALEK, Aline, Carolina Maria de Jesus, a catadora de letras. Publicado em 15/03/2016 no endereço eletrônico <https://www.cartacapital.com.br/cultura/carolina-maria-de-jesus-a-catadora-de-letras/>. Acesso em 01/10/2024